



GRANDE CONSELHO DE MESTRES REAIS E ESCOLHIDOS DE PORTUGAL

Comunicação N. 8 do AD 2026 do Ilustríssimo Grão-Mestre

A MORAL NOS TEMPOS PRESENTES- UMA REFLEXÃO

Muito Ilustres e Ilustres Companheiros,
Companheiros em todos os vossos Graus e Qualidades

Vivemos um tempo de profunda transformação moral. A figura de *Donald Trump* não deve ser vista apenas como um fenómeno político isolado, mas como um reflexo de uma realidade mais vasta.

Na Antiguidade, como ensinava Aristóteles, a moral estava enraizada na comunidade. Cada homem encontrava o seu propósito no cumprimento do dever, no serviço ao todo, na busca da virtude. Mais tarde as grandes tradições religiosas reforçaram essa visão, ligando a moral à transcendência, à justiça e à responsabilidade perante Deus e os outros.

Com o Iluminismo, a moral tornou-se individual. O homem passou a ser juiz de si próprio. Este progresso trouxe liberdade e progresso, mas também fragmentação moral, dissolvendo o sentido comum do Bem e do Mal.

Como advertiu o filósofo escocês *Alasdair MacIntyre* (12/01/1929-21/05/2025) usamos ainda as palavras da moral, mas perdemos o seu verdadeiro significado. Assim, a figura de *Donald Trump* não deve ser vista como um fenómeno político isolado, mas como um reflexo de uma realidade mais vasta : a erosão dos fundamentos éticos e morais que outrora sustentavam a vida em sociedade e as relações entre os Estados.

Neste contexto, figuras como *Trump* emergem como reflexo de uma sociedade onde a verdade cede ao interesse e a ética e a moral à conveniência e encarnam um poder sem limites. Infelizmente para muitos, a ausência de constrangimento moral é vista como força e como um sinal de liberdade e não de decadência.

A MORAL NAS RELIGIÕES E A FORMAÇÃO INTERIOR

Se a sociedade contemporânea revela sinais de fragmentação moral, importa recordar que as grandes tradições religiosas sempre foram guardiãs de uma moral superior.

O Judaísmo ensinou a justiça como aliança.

O Cristianismo elevou o amor ao próximo como mandamento supremo.

O Islão afirmou a submissão à vontade divina como caminho de retidão.

Em todas elas encontramos um princípio comum: o homem não é medida de si mesmo.



Há uma ordem superior que orienta a nossa consciência.
Quando essa referência se perde, o homem confunde liberdade com ausência de limites.
Atualmente, assistimos ao enfraquecimento da formação moral. As novas gerações são incentivadas a procurar sucesso, mas não lhes é ensinado o sentido do dever, da honra ou da virtude!

A MISSÃO CRÍPTICA: RECONSTRUIR O HOMEM INTERIOR

A Maçonaria Críptica assume um papel singular e decisivo: Não somos apenas herdeiros de símbolos- somos construtores do invisível !

O verdadeiro templo não é de pedra, mas de consciência.

A verdadeira luz não ilumina os olhos, mas o espírito.

A nossa via não é a da aparência, mas a da profundidade: Não buscamos apenas compreender, mas buscamos transformar.

Neste contexto, cada Companheiro Críptico é chamado a um trabalho interior exigente, para:

- Dominar as paixões
- Cultivar a verdade
- Praticar a justiça
- Exercitar a misericórdia

Tal como o Rei Salomão, somos chamados a julgar com discernimento e a agir com equilíbrio, unindo firmeza e compaixão.

REFLEXÃO FINAL

Num mundo onde a moral se torna relativa, cabe-nos ser referência.

Num tempo de ruído, cabe-nos ser voz serena.

Num ambiente de divisão, cabe-nos ser construtores de unidade e de fraternidade.

Virtus non pendet ex opinione, sede x veritate

(A virtude não depende das opinião, mas da verdade)

Lisboa, 6 de Abril do A.D. 3026

Joaquim Cardoso Martins

(GM)

Joaquim Cardoso Martins

(GM do GCMREP)